

---

# PRODUÇÃO BRASILEIRA EM NÔVO RITMO

---

Uma verdade estatística: a produção cinematográfica brasileira de 1968 atingirá um nível quantitativo sem precedentes. Isso não se deve, apenas, ao clima de confiança que se estende em torno da atuação do Instituto Nacional de Cinema. Um dos fatores exponenciais é a progressiva frutificação do dispositivo legal que canaliza para a produção de filmes parte do desconto do imposto de renda sobre a remessa para o exterior dos rendimentos da exibição de filmes estrangeiros no Brasil.

O Decreto-Lei criador do INC estatui que as verbas dessa origem devem ser recolhidas ao Banco do Brasil, em conta especial, podendo o interessado aplicar essa importância, mediante autorização do Instituto, na produção de filmes brasileiros. No prazo de 18 meses, a contar da data de cada depósito, a distribuidora depositante deve apresentar ao INC projeto de filme; do contrário, a verba reverte ao Instituto, que, no futuro, com tais recursos, poderá conceder financiamentos diretos.

Graças a esse vultoso mercado de capitais estão em atividade cineastas das mais diversas correntes da indústria cinematográfica nacional, operando em ritmo auspicioso e com liberdade de movimentos, em associação com empresas distribuidoras: Lima Barreto, J. B. Tanko, Roberto Santos, Eduardo Coutinho, Walter Hugo Khouri, Carlos Hugo Christensen, Ruy Santos, Astolfo Araujo, Flavio Tambellini, Rubem Biáfora, Carlos Coimbra, e os estreantes Moisés Kendler, Carlos Prates Correia e Paulo Leite Soares.

Por ocasião do início das atividades do INC, já haviam sido realizados seis filmes parcialmente financiados com verbas dessa origem: *El Justicero*, *O Mundo Alegre de Helô*, *O Beijo*, *Crônica da Cidade Amada*, *Amor e Desamor*, *O Corpo Ardente*, *Três Histórias de Amor*, e iniciada a série *Audax*, de filmes para cinema e televisão.

## LIMA BARRETO

Se esteticamente outras fórmulas podem ser sugeridas, em torno de outras figuras pioneiras do cinema brasileiro, nossa História cinematográfica se divide, sob o prisma do prestígio internacional, em duas etapas bem distintas: "antes" e "depois" de Victor Lima Barreto. Seu primeiro filme de longa-metragem, **O Cangaceiro** (1953), que permanece até hoje — proporcionalmente aos preços de ingressos — o "campeão de bilheteria" do cinema nacional no mercado interno, é, segundo o sr. Paulo Fuchs, diretor-presidente da Columbia do Brasil, o "filme estrangeiro" (não-americano) que melhores rendas arrecadou para a sua empresa. De fato, **O Cangaceiro** transpôs as fronteiras de mais de oitenta países, depois de conquistar uma Palma de Prata no Festival Internacional de Cannes, em 1953, como o melhor filme de aventuras e menção especial para a música.

Mas Lima Barreto era apenas um assalariado da Vera Cruz. Em consequência, nunca dispôs de recursos próprios para concretizar seus inúmeros projetos — como **O Sertanejo**, **A Retirada da Laguna**, **Plácido de Castro**, **A Batalha do Alambique**, — que, em leituras públicas e divulgação resumida pela imprensa, alcançaram a melhor receptividade. A ausência de uma tradição de co-produções também contribuiu para manter no ineditismo tais projetos, mas o cineasta chegou a contar com o interesse do produtor italiano Dino de Laurentiis para **O Sertanejo**, em 1957.

Antes de ingressar na Companhia Cinematográfica Vera Cruz, Lima Barreto realizou vários filmes de curta-metragem, entre os quais **O Caçador de Bromélias** e **Fazenda Velha**. Para a produtora paulista, realizou dois documentários de arte: **Painel** (1951), o mural de Portinari sobre a Inconfidência Mineira (prêmio de Punta del Este, 1950) e **Santuário** (1952), focalizando os Profetas do Aleijadinho, tesouro artístico de Congonhas, Minas Gerais.

Depois de **O Cangaceiro**, fez vários outros filmes de curta-metragem, como **São Paulo em Festa** (sobre o IV Centenário), que permaneceu inédito, e **Arte Cabocla**, premiado com o Saci. Lima Barreto não se aproximou do nível de **O Cangaceiro** quando realizou **A Primeira Missa**, que ele mesmo considera "um filme de encomenda".

Autor completo de **O Cangaceiro**, adaptador e roteirista em **A Primeira Missa**, Lima Barreto também lançou sua multiforme energia vivendo personagens desses filmes, depois de figurar no elenco de realizações alheias — **Terra é Sempre Terra** e **Tico-Tico no Fubá**. E tem dois livros publicados: **Lima Barreto Conta Histórias** e **Quelê do Pajeú**.

**Quelê do Pajeú**, em fase adiantada de produção — associação da Procine à Columbia — marca o retorno de Lima à longa-metragem e à saga do cangaço. Provável elenco: Belini (bicampeão do mundo), Araçary, Elísio de Albuquerque, Nieta Junqueira e o estreante Zé Ferreira.





## ...NÔVO RITMO



### FLÁVIO TAMBELLINI

Liberto, no princípio deste ano, das complexas tarefas de diretor do Instituto Nacional de Cinema Educativo (absorvido pelo INC), secretário-executivo do Grupo Executivo da Indústria Cinematográfica/GEICINE, criador e primeiro dirigente do Instituto Nacional de Cinema, Flávio Tambellini pôde voltar à sua atividade eleita, a de realizador de filmes. Até que o *Casamento nos Separe*, "comédia com um subsolo dramático", baseado em um sucesso teatral de Pedro Bloch (*Os Pais Abstratos*), está em fase de produção pela Data Filmes, associada à Rank. Será um filme em cores, contando, em dois principais papéis, com Mario Benvenuti e Karin Rodrigues.

Líder de memoráveis campanhas da classe cinematográfica que resultaram em conquistas inestimáveis — primeiro, na área da capital paulista (Comissão Municipal de Cinema) e do Estado de

São Paulo (presidiu a Comissão Estadual de Cinema), depois, no âmbito federal (desde o antigo GEIC — Grupo de Estudos da Indústria Cinematográfica) — Tambellini tem literalmente uma filmografia minúscula, mas, virtualmente, sua contribuição foi decisiva para muitas dezenas de filmes das mais diversas correntes e gêneros produzidos desde o primeiro lustro da década de 50. A origem do "adicional" criado pela municipalidade paulistana, da linha de financiamentos do Banco do Estado de São Paulo, da criação dos prêmios municipais e estaduais de cinema deste Estado, do Plano de Fomento ao Cinema na Guanabara (de onde surgiu a CAIC), de uma política racional para os ingressos de cinemas, da definição nacionalista de "filme brasileiro", da criação do mercado de capitais, com o fundo resultante de parte do imposto sobre remessas de lucros, e de outras conquistas menores da classe cinematográfica, o observador isento irá sempre encontrar, no período supracitado, a ação de Flávio Tambellini. Seu trabalho à frente do Instituto Nacional de Cinema Educativo, exigiria um extenso registro à parte.

Paulista de nascimento — e também carioca, por acumulação afetiva — Tambellini foi crítico de cinema dos "Diários Associados" de São Paulo, entre 1951 e 1960, exercendo militância diária no "Diário da Noite" e "Diário de São Paulo". Presidiu o 1.º Congresso Nacional do Cinema Brasileiro e, em 1961, participou do Júri (setor de curta-metragem) do Festival Internacional de Cinema de Berlim. Em 1958, colaborou com Rubem Biáfora como produtor, co-autor da adaptação de *Ravina*, filme que, entre outras láureas, conquistou o Prêmio Saci de "O Estado de São Paulo".

Em 1964, retirando-se temporariamente da direção do GEICINE e do INCE, produziu, dirigiu e escreveu o roteiro de *O Beijo*, adaptação da peça *O Beijo no Asfalto*, de Nelson Rodrigues. Este filme, selecionado pela Comissão especializada do Itamarati para o Festival Internacional de Locarno, em 1965, obteve na mostra suíça um Diploma de Honra.

### CARLOS HUGO CHRISTENSEN

As raízes de Carlos Hugo Christensen em nosso País já fizeram quatorze anos. Mas a maior parte de sua filmografia — mais de 40 títulos — precede a fase brasileira. Na Argentina, conquistou prêmios com *Safo*, cuja repercussão se mede pelas duas refilmagens realizadas pouco depois, uma no mesmo país, outra no México; com *Los Chicos Crecen*, considerado pelos críticos de Nova York, em 1948, "o melhor filme em espanhol"; e, também, com *Si Muero Antes de Despertar*, *El Angel Desnudo* e *No Abras Esa Puerta*. No Peru, fez *Armiño Negro*, ganhador de várias láureas. No Chile, *La Dama de la Muerte*, que, pela reconstituição da época vitoriana, foi comprado pelo Museu Britânico. E o Festival de Cannes não deixou passar sem um prêmio seu filme venezuelano, *La Balandra Isabel Llegó Esta Tarde*.

No Brasil, Christensen recebeu distinções várias por *Mãos Sangrentas* (1955), *Leonora dos Sete Mares* (1956), *Meus Amores no Rio* (1958) e *Vlágem aos Seios de Duília*. Este último, ganhador do principal prêmio da CAIC, assinalou, segundo a crítica, a melhor aproximação entre o cineasta e um de seus escritores prediletos: Aníbal Machado. Antes, em um dos episódios de *Esse Rio Que eu Amo* (1962), adaptara um conto de Aníbal — *A Morte da Porta-Estandarte*. Em 1966, voltaria à obra do escritor com *O Menino e o Vento* (designado pelo INC para o Festival de Veneza, 1967), baseado no conto *O Iniciado do Vento*.

Em associação com a Fox, Carlos Hugo Christensen acaba de filmar *Como Matar um Playboy*, tendo nos principais papéis Agildo Ribeiro e Ana Christie — novata.





## ROBERTO SANTOS

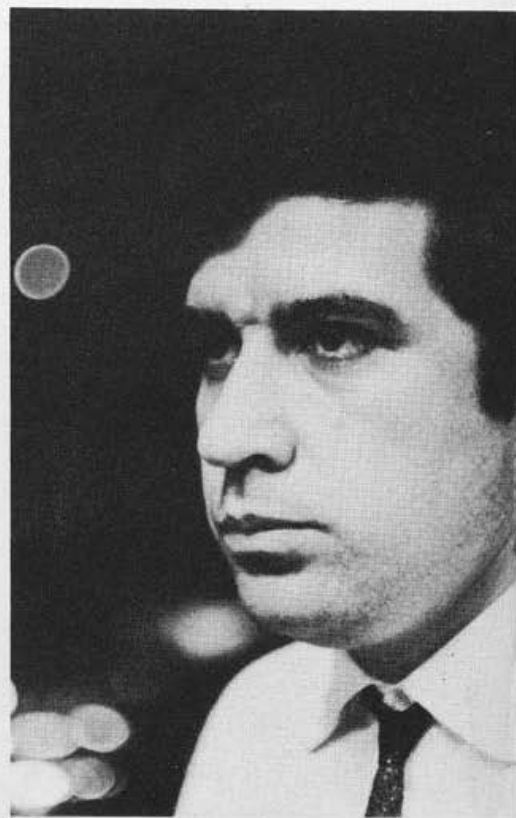
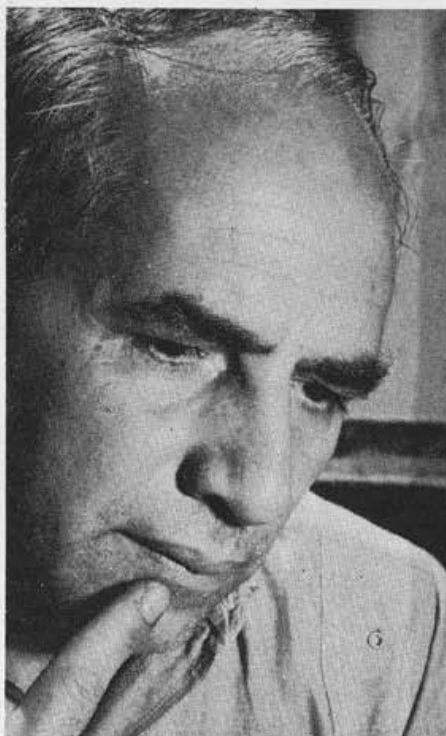
"O realizador de cinema brasileiro poderá comunicar-se diretamente com seu público, com mais força, se procurar antes de tudo a simplicidade da linguagem", declarou Roberto Santos, por ocasião do lançamento de *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, um dos filmes premiados pela CAIC em 1965 e que representou o Brasil, entre elogios da crítica internacional, no Festival de Cannes, em 1966. Certamente movido por uma ambição de comunicabilidade ainda "mais direta" com o público, RS procurou novos caminhos em *As Cariocas* (1966), terceiro episódio, e na adaptação do célebre conto de Fernando Sabino *O Homem Nu*. Esta comédia, em fase de realização, com Paulo José no papel-título, é produção da Wall-filme em associação com a Pelmex.

RS começou no cinema em 1951, ganhando familiaridade com o mecanismo da produção em um estúdio paulista. Sua filmografia no longa-metragem, até hoje limitada a três realizações (não contando *As Cariocas*), foi inaugurada em 1958 com *O Grande Momento*, filme-crônica de costumes, ambientado no Brás paulistano e marcado principalmente por "uma boa assimilação do neo-realismo de Zavattini". Antes e depois desta estréia, RS se manteve em contato com as câmeras realizando curtos para a TV e cinema.

## RUY SANTOS

Com quase quatro décadas de cinema, onde começou, muito jovem, em 1931, como assistente de fotografia de *Limite*, o "clássico" de Mario Peixoto, Ruy Santos tem sido mais freqüentemente diretor de fotografia do que realizador de filmes. Como realizador, reapareceu em 1966, com *Onde a Terra Começa* (1966), drama fortemente impregnado da beleza luminosa da Bahia. E já prepara a produção da comédia *A Doce Mulher Amada*, em associação com a Royal Filmes e a Eurofilmes. Como em sua realização anterior, aproveitará sua rica experiência acumulando as funções de diretor, roteirista, produtor e responsável pela fotografia. Escolha já certa para o elenco: Luiz Delfino.

RS dirigiu a fotografia de filmes como *Estrêla da Manhã* (1950), de Oswaldo de Oliveira (o veterano crítico de cinema "Jonald"), do inacabado *Aglaia* (1950), no qual também foi diretor e co-autor da história e roteiro, *Maria da Praia* (1951), de Paulo Wanderley. O roteiro de *Estrêla da Manhã* também contou com sua colaboração. Entre suas inúmeras realizações de curta-metragem podem ser citadas *Sinfonia da Cidade* (1937), *Terra Sêca* (1942), *A Jangada e Itapoã* (1943), *Quando os Campos Florescem* (1957) e *Anatomia do Progresso* (1958).



## BENEDITO ASTOLFO ARAUJO

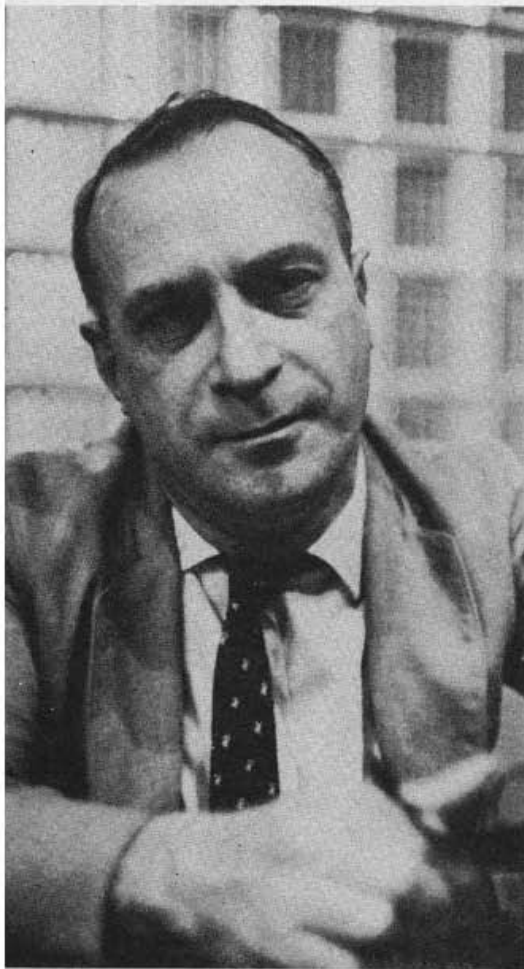
O paulista Benedito Astolfo Araujo, de trinta anos enfrenta a fase de pré-filmagem de seu primeiro longa-metragem: *As Armas*, co-produção Data Filmes/Columbia. E já toma providências para o segundo, baseado em *A Fronteira*, de Cornélio Penna. Credenciais: documentarista, realizador de curtas-metragens para TV, assistente de Rubem Biáfora em *O Quarto*.

Araujo experimentou suas primeiras armas no terreno do 16 mm, quando, filiado a um cineclubes, procurou estudar em um documentário "o mecanismo da criação artística de uma favelada e sua luta contra a miséria e a fome". A protagonista: Carolina Maria de Jesus, escritora primitiva que saiu das favelas alagadas do rio Tietê para o êxito de livreria, com *Quarto de Despejo*. Em 1961, escreveu uma peça teatral, *Mutirão em Nôvo Sol*, em colaboração com Augusto Boal, Hamilton Trevisan e Nelson Xavier. A partir de 1962, realizou vários documentários patrocinados e curtas-metragens para TV, entre os quais *Arquitetura*, focalizando o que considera "a desumanidade da arquitetura de Niemeyer". Sua sensibilidade cinematográfica foi reconhecida pelos críticos que já se manifestaram sobre o curto *Tempo Passado* (1966), escrito e dirigido por Astolfo Araujo para o antigo Instituto Nacional de Cinema Educativo.

SEGUE



## ...NÓVO RITMO



### RUBEM BIÁFORA

Nove anos após *Ravina* (produzido em 1957-58) Rubem Biáfara retorna à longa-metragem com o *O Quarto*, drama realista sobre a trajetória existencial de um homem comum, cuja solidão é "insolúvel, mesmo a dois". É uma produção da nova empresa Data Filmes, em associação com a Columbia, tendo nos principais papéis Sergio Hingst e Giedre Valeika.

O longo intervalo não amorteceu a paixão de Biáfara pelo cinema, como se deduz de sua militância crítica e dos resultados de *Marlo Gruber*, curta-metragem sobre a obra do pintor, e que conquistou este ano o Prêmio INC. Segundo registrou FILME CULTURA (n.º 4) é "mais do que um documentário", é "um trabalho onde se manifesta a personalidade do crítico-cineasta" dedicado à "revelação do drama

humano através da imagem cultivada, despojada dos artifícios de moda".

Biáfara é uma das figuras-chaves do movimento cultural-cinematográfico de São Paulo. No final da década de trinta, começou a assinar críticas em revistas e jornais da capital paulista. Foi crítico de "Platéia", "O Dia", "Revista Intelligência", "A Manhã" (do Rio: no suplemento literário), "O Jornal de São Paulo", "A Fôlha da Tarde". Desde 1957 é crítico de "O Estado de São Paulo".

Em 1946 liderou o movimento de fundação de um Clube de Cinema de São Paulo que, três anos depois, se transformaria em Cinemateca Brasileira. Em 1948 fundou o Centro de Estudos Cinematográficos do Museu de Arte de São Paulo.

Os primeiros contatos de Rubem Biáfara com as câmeras se realizaram na área do 16 mm, com "diversas experiências". Em 1947-48, foi um dos realizadores de um documentário sobre o Museu de Arte de São Paulo, cujo roteiro escreveu. Em 1954 criou seriados de ficção-científica para a televisão e dirigiu "teleteatros" de quinze minutos. *Ravina*, nascido de uma idéia de Walter Guimarães Motta, é um argumento de Biáfara e Flavio Tambellini, tendo roteiro do autor de *O Quarto*.

### J. B. TANKO

Iugoslavo de nascimento, radicado no Brasil, J. B. Tanko demonstrou sua identificação com o novo meio através de rápida ascensão no cinema brasileiro, onde cedo demonstrou ter assimilado o tipo de humor da comédia carioca popular: primeiro como roteirista, em filmes de Eurides Ramos, Victor Lima; depois como diretor — *Metido a Bacana* (1957), *Mulheres à Vista* (1959), mais recentemente, 1967, *Adorável Trapalhão*. Este último, produzido por J. B. Produções Cinematográficas e Condor Filmes, também teve roteiro de Tanko, que adaptou uma história de Jarbas Barbosa e José Ollosi, com diálogos de Carlos Diegues. Está em distribuição.

Como diretor de histórias dramáticas, Tanko alcançou alguns resultados (*Areias Ardentes*/1952; *A Outra Face do Homem*/1954) que sensibilizaram o júri dos prêmios Saci, de São Paulo. Outro filme cuja fatura técnica foi reconhecida pela crítica: *Asfalto Selvagem* (1964). Posteriormente, ele baseou-se outra vez em Nelson Rodrigues (*Engracadinha Depois dos Trinta*/1966) e dirigiu a versão de um romance de José Condé (*Um Ramo Para Luiza*/1965).

### CARLOS COIMBRA

O romance de Antonio Callado "A Madona de Cedro", disputado por diversos produtores, teve seus direitos de filmagem adquiridos pelo produtor Oswaldo Massaini. A Metro entusiasmou-se pelo projeto, ao qual dará, como coprodutora, apoio de "superprodução". E Massaini, mais uma vez, entregou a direção ao cineasta Carlos Coimbra. Uma confiança para a qual podem ser apontados vários motivos, todos encontrados entre os títulos de uma pequena e significativa filmografia.

Numa arte-indústria onde os problemas de comunicação com o público são complexos e devem ser resolvidos de imediato, como condição de sobrevivência, Coimbra foi, desde a primeira realização, *Armas da Vingança* (1955), melodrama de cenário rural, um narrador objetivo, que não se deixa seduzir pelo virtuosismo decorativo. Naquele momento problemático de nosso cinema, *Armas da Vingança* conquistou cinco dos prêmios Saci (concedidos anualmente pelo jornal "O Estado de São Paulo"), inclusive os de melhor direção. Estes são apenas alguns dos troféus na coleção do cineasta. Para citar mais um de seus títulos, *A Morte Comanda o Cangaco* (1960) recebeu sete dos lauréis de "O Estado" e dois prêmios Governador do Estado (SP). Este filme, *Diogulho* (1957) e *Lampião, o Rei do Cangaco* (1964) foram os que mais credenciaram Carlos Coimbra pelo volume de ingressos nas urnas das salas exibidoras.

Coimbra é argumentista, roteirista, diretor e editor. Em *Cangaceiros de Lampião*, outro empreendimento de vulto do produtor Massaini — agora em lançamento —, ele acumula todas essas funções. Nunca pela simples intenção de épater. Porque a arte de Coimbra é rigorosamente apoiada na consciência profissional. Uma arte que se enriquece no sentido de equipe. O cineasta Coimbra também sabe ser eficiente colaborador de outro cineasta. Um exemplo: *O Pagador de Promessas*; realizador: Anselmo Duarte; editor: Carlos Coimbra.



## TRÊS NOVOS DE MINAS

Os **Marginais**, já em produção, é um filme de três histórias, "cada uma sobre um tipo de marginalismo da sociedade brasileira". Três entusiastas do jovem cinema, Moisés Kendler, Carlos Prates Correia e Paulo Leite Soares — com uma média de idade inferior a trinta anos, lançam-se no cinema profissional, apoiados pelo fundo de financiamento administrado pelo INC. A empresa que fundaram, a Filminas, pretende "engrenar um ciclo de produções que será a abertura para financiamentos cinematográficos em Minas Gerais".

Os **Marginais**, produção associada à Columbia, pretende contar com a participação de atores como Leila Diniz, Paulo José, Grande Otelo e José Lewgoy. Já certa é a participação da atriz de teatro Francisca Theresza, como protagonista do episódio concebido por Moisés Kendler, a ser filmado na Guanabara. Belo Horizonte e Montes Claros fornecerão os cenários à história de Carlos Prates Correia. Paulo Leite Soares escolheu Ouro Preto e Sabará. Fria Carlos Prates que os episódios terão estruturas bem diferentes, "de acordo com as concepções que cada um de nós tem de cinema". Um ponto em comum entre os três: aproximam-se da realização cinematográfica encarando o filme como algo mais do que simples entretenimento, como é natural em cineastas originários da crítica especializada.

Moisés Kendler (34 anos), nascido em Belo Horizonte, estudou Filosofia, e dirigiu "Claquete", uma publicação cinematográfica da capital mineira. Jornalista, fez crítica em vários diários de Belo Horizonte e participou do Conselho de Cinema do "Jornal do Brasil", órgão onde ainda exerce a profissão, em outro setor. Moisés foi assistente de direção do filme **Terra em Transe**.

Carlos Prates Correia (26 anos), de Montes Claros, colaborou com a importante (hoje extinta) "Revista de Cinema" de Belo Horizonte, e foi crítico do "Diário de Minas". Estudou Sociologia, foi assistente de direção de **O Padre e a Mãe**, e, em 1965, realizou o curto **Milagre de Lourdes**, filme experimental que não chegou a ser distribuído comercialmente. É membro do CEMICE (Centro Mineiro de Cinema Experimental).

Paulo Leite Soares (26 anos), nascido em Paraopeba, estudou Filosofia e Sociologia, foi professor de História, fez crítica de cinema em jornais de Belo Horizonte e na "Revista de Cinema". Ano passado, aproximou-se da prática de cinema, como diretor de produção de **Aleluia**, curta-metragem de Schubert Magalhães. Faz jornalismo no "Correio de Minas" e é diretor do CEMICE. Na foto, Moisés Kendler.



## WALTER HUGO KHOURI

Walter Hugo Khouri está filmando **As Amoras**, renovando sua aliança de produção com a Columbia. Antes, em 1966, sua Kamera Filmes produziu em associação com a mesma distribuidora **O Corpo Ardente**, Prêmio INC de melhor filme, este ano. **As Amoras**, drama psicológico, tem no elenco Paulo José, Jacqueline Myrna, Lillian Lemmertz, Anecy Rocha, Amiris Alba Veronese, Karin Rodrigues, Stênio Garcia, Newton Prado, Vera Barreto Leite.

Khouri possui uma verdadeira coleção de prêmios de festivais e de crítica, entre os quais, vários Saci, do "Estado de São Paulo", prêmios Municipais e Governador do Estado (São Paulo), distinções da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos e o de melhor argumentista (**Na Garganta do Diabo**), conquistado no Festival Internacional de Mar del Plata, 1960. **Noite Vazia** (1965) representou com sucesso o Brasil em Cannes, e **O Corpo Ardente** figurou fora de competição no programa oficial do Festival de Berlim.

Khouri começou a chamar a atenção da crítica no 1.º Festival Internacional de Cinema do Brasil (São Paulo, 1954), com um modesto empreendimento, **O Gigante de Pedra**, filme "quase experimental" que ele dirigiu, entre muitas dificuldades materiais, de 1951 a 1953. Antes, sua experiência cinematográfica se limitara a trabalho de assistente na Vera Cruz. Em 1956, prestigiado também por participação temporária na equipe de críticos de "O Estado de São Paulo" e colaborador de várias iniciativas no setor da cultura cinematográfica (entre as quais uma monografia sobre Ingmar Bergman — um dos primeiros estudos sobre este autor publicados fora da Suécia), Khouri realizou para a Brasil Filmes seu "verdadeiro primeiro filme", **Estranho Encontro**.

Depois fez **Fronteiras do Inferno**, experiência de cinema-espetáculo em cores (1958), **Na Garganta do Diabo** (1959-60). Seu quinto filme, **A Ilha**, primeira produção da Kamera Filmes, foi seu primeiro significativo êxito de público. Entre **Noite Vazia** e **O Corpo Ardente**, ele escreveu e dirigiu o segundo episódio de **As Cariocas** (1966). **A Ilha** e **Noite Vazia** são êxitos de bilheteria também no plano internacional. E **As Cariocas** é um dos mais expressivos resultados comerciais do cinema brasileiro nos últimos anos.

## EDUARDO COUTINHO

Eduardo Coutinho foi diretor em dois filmes de longa-metragem, mas somente agora realizará seu primeiro longo: **O Homem Que Não Comprou o Mundo**, (ex-Os 100 mil Strykmas), escrito por Luiz Carlos Maciel. Antes dessa associação Mapa / Columbia, seu **Cabra Marcado Para Morrer** (1964) ficou inacabado. E, do longo **ABC do Amor** (1966), dirigiu apenas o episódio **O Pacto** — a rigor, um curta-metragem.

Coutinho fez um curso de cinema no Museu de Arte de São Paulo, em 1954, e, há sete anos, concluiu seus estudos no IDHEC, de Paris. Atuou como diretor de produção de **Cinco Vêzes Favela** (1962), co-roteirista de **A Falecida** (1964) e **Garôta de Ipanema** (1967).

Descrito como "comédia popular que aborda desde o perigo atômico até a engrenagem econômica e política do mundo atual", **O Homem que Não Comprou o Mundo** já tem, entre os nomes certos para o elenco, Chico Anísio, Marília Pêra, Jardel Filho.